



ID: 122621608

19-04-2026

MUNDO

Geert Wilders, Marine Le Pen, Viktor Orban, Matteo Salvini e Tom van Grieken, num evento da extrema-direita em Budapeste, em 23 de março



# Teoria da substituição: do radicalismo à normalização

Ideologia extremista anti-imigrantes que inspirou atentados deixou de ser racial para tornar-se cultural. E instalou-se no discurso político e na paisagem

SABER MAIS

**Presença mediática**  
A inércia das restantes forças políticas favorece um aumento da cobertura mediática tradicional de discursos de extrema-direita.

**Desproporção**  
Em 2021, apesar de o Chega ter apenas um deputado, Ventura era a quarta figura política com mais presença nas televisões generalistas. Em 2022 e 2023, com 12 parlamentares, passou a terceiro, a seguir ao primeiro-ministro e ao presidente da República.

Ivete Carneiro  
ivete@jn.pt

**EXTREMA-DIREITA** O retrato é superlativo, mas cristalino. O Clube dos Aventureiros do Natal, no gigante vencedor dos Oscars deste ano, “Batalha atrás de batalha”, é uma sociedade secreta que junta homens de origens diversas à volta de um designio comum: a defesa da supremacia branca, nem que isso implique matar a própria filha mestiça. Porque para se ser membro não se pode, nunca, ter sido conspurcado por outra raça. Ou acaba-se morto.

Passando por cima da frieza do retrato, a descrição encaixa tão bem na Teoria da Grande Substi-

tuição que chega a assustar. Porque é a teoria que está na base de tragédias como os atentados de Christchurch, na Nova Zelândia, em 15 de março de 2019. Nesse dia, 51 muçulmanos foram assassinados por Brenton Tarrant, que teve o cuidado de fazer um direto para o Facebook.

Australiano, branco, 28 anos, deixara um manifesto online a explicar ao que ia: era preciso “criar uma atmosfera de medo” e “incitar à violência” contra muçulmanos e “contra o genocídio étnico e cultural” de que a Europa é objeto. E intitulava-o precisamente “A Grande Substituição”, emprestando o nome da obra do escritor de extrema-direita fran-

cês Renaud Camus, lançada em 2011.

**“GENOCÍDIO”**  
Resumida em poucas palavras, a teoria de Camus estabelece que a imigração – mormente a muçulmana – está a tomar o lugar dos europeus, impondo a sua cultura, tida como inferior. Uma invasão e um “genocídio”, justificados com aquilo a que muitos chamam de delírio demográfico desmentido pelas estatísticas: a ideia de que os imigrantes são muitos mais do que na verdade são. E a ameaça à cultura e à “tão brilhante e admirada” civilização – neste caso, a francesa. O autor opõe a identidade cultural ao multiculturalismo, a



“Abandona-se o racionalismo e passa-se à teoria de que existem diferentes culturas e que se deve evitar o intercâmbio para preservar a diversidade de entidades culturais”

João Carvalho  
Investigador em imigração e extrema-direita no ISCTE



ID: 122621608

19-04-2026



Cartaz da Identidade e Futuro, em Lisboa

uma realidade pluriétnica.

E se ganhou visibilidade no século XXI, a ideia da substituição tem raízes tão longínquas quanto a Idade Média. O que era a Inquisição senão o medo da possibilidade de coexistência de povos de religião não católica? Não será por acaso, de resto, que o mais radical dos partidos de extrema-direita franceses dá pelo nome de Reconquista, inspirado na dita, iniciada após a invasão muçulmana da Península Ibérica em 711 e finda em 1492, com a conquista de Granada – o ano da chegada dos europeus às Américas... E, no século XVIII, o filósofo Emanuel Kant foi defensor da superioridade da raça branca face à negra. Já na década de 1960, era o fim das colónias que instilava o receio de uma Europa branca perante a vinda de imigrantes.

#### RACISMO CULTURAL

O terrorismo islâmico será um dos combustíveis para a difusão desta teoria, associado aos direitos (como o de votar) concedidos a imigrantes por uma elite política tida como corrupta e pregadora de um igualitarismo que, para os fanáticos da substituição, é inaceitável.

Mas é Alain de Benoist que, nos anos 1970, aplica a essas ideias de substituição a viragem para a que é hoje mais espalhada – e subjaz às extremas-direitas Mundo fora: o racismo deixa de ser biológico e passa a ser cultural. “Abandona-se o racismo e passa-se à teoria de que existem diferentes culturas e que se deve evitar o inter-

câmbio para preservar a diversidade de entidades culturais”, explica João Carvalho, investigador no ISCTE.

Para o cientista político, a teoria da substituição é “a criação de um inimigo”. E os políticos de direita radical apropriam-se dela moldando-a conforme as circunstâncias. Em Portugal e no Mundo. De Jean-Marie Le Pen a Jörg Haider, de Geert Wilders a Nigel Farage, de Matteo Salvini a Santiago Abascal, de Giorgia Meloni a Alice Wiel, de Marine Le Pen a André Ventura – parte deles reunidos há semanas na “primeira Grande Assembleia Patriótica”, em Budapeste, uma espécie de comício de apoio à reeleição de Viktor Orbán. Inútil, como se viu.

Fundador da Frente Nacional francesa (hoje União Nacional), Jean-Marie Le Pen “era neoliberal e pró-União Europeia”, porque, nos anos 1970, o inimigo da extrema-direita era o comunismo – e era contra a imigração de Leste que Le Pen se erguia. “Em 1991, dá-se uma viragem, porque cai o comunismo”, diz João Carvalho.

E se a face mais sangrenta da teoria está nos atentados perpetrados por supremacistas brancos, a sua entrada em força no discurso político acaba por normalizá-la, até pela projeção mediática dos políticos de extrema-direita. “A normalização está em curso em contraponto ao seu isolamento. Infelizmente, hoje é considerado racional ser racista e anti-imigrantes. Mesmo num país de emigrantes”, conclui. ●

ID: 122621608

19-04-2026

**Imigração**  
**Teoria da**  
**Substituição.**  
**Do radicalismo**  
**à normalização**

Ideologia extremista  
evolui e instala-se no  
discurso político **P. 32**